

Políticas Públicas e as Relações Internacionais:

os desafios da globalização

Fernando de Lima Almeida

Mestre em Planejamento em Políticas Públicas - UECE

Francisco José Camelo Parente

Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo - USP

Professor do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas (PPGPP) da UECE

Resumo

A globalização está num momento em que uma onda nacionalista e autoritária pode ameaçar a continuidade do processo e a posição dos Estados diante estas incertezas na implementação de suas políticas públicas e em suas relações internacionais. O estudo sobre a Globalização, demonstram ideias diversas vezes conflitantes na opinião de intelectuais, uma corrente aponta para os desafios de mercado e a outra os da vida comunitária. Existe intensa tendência antiglobalização, as recentes respostas da população de vários países, como os resultados políticos inesperados, em lugares que foram líderes do processo de globalização, com a eventual saída do Reino Unido da União Europeia e a eleição do ultranacionalista Donald Trump, como presidente dos Estados Unidos da América, seria o sinal de um enfraquecimento da globalização. Este estudo apresenta debates sobre o tema, desde a globalização tecnológica e sua sociedade em redes, a mutação dos postos de trabalho e o posicionamento sobre a relação das empresas no atual processo econômico e as graves consequências da globalização sobre parte da população mundial diante da complexidade do processo.

Palavras-chave: Globalização; Políticas Públicas; Tecnologia; Emprego; Sociedades.

Abstract

Globalization is at a time when a nationalist and authoritarian wave can threaten the continuity of the process and the position of the States in the face of these uncertainties in the implementation of their public policies and in their international relations. The study on Globalization demonstrates conflicting ideas in the minds of intellectuals, one trend points to market challenges and the other to those of community life. There is an intense anti-globalization trend, the recent responses of the population of several countries, such as the unexpected political results, in places that were leaders of the globalization process, with the eventual exit of the United Kingdom from the European Union and the election of ultra-nationalist Donald Trump as president Of the United States of America, would be a sign of a weakening of globalization. This study presents debates on the topic, from the technological globalization and its society in networks, the change of the jobs and the positioning on the relation of the companies in the current economic process and the serious consequences of globalization on part of the world population in the face of complexity Of the process.

Key words: Globalization; Public Policies; Technology; Employment; Societies.

Introdução

Em 2003, quando Yann Arthus-Bertrand, Sibylle d’Orgeval e Baptiste Rouget-Lu-chaire lançaram o projeto “sete milhões de outros”, que consiste em realizar milhares de entrevistas com pessoas comuns, sobre diversos temas, como amor, família, sonhos e meio ambiente, objetivando desenhar um grande retrato da humanidade, Arthus-Bertrand, comentou, “Vista de cima, a Terra surgia como um vasto espaço a ser partilhado. Assim que aterrei os problemas começaram. Confrontei-me com a inflexibilidade dos sistemas administrativos e as fronteiras construídas pelos homens, símbolos de como é tão difícil vivermos em harmonia”¹.

A beleza do projeto de Bertrand, d’Orgeval e Luchoire canaliza um desejo universal de compreensão do fenômeno global de interação e compartilhamento de experiências, culturas e a simples troca humana de conhecimento e a descoberta do novo.

O planeta Terra dobrou sua população nos últimos 100 anos. Os recursos naturais ficam cada vez mais escassos e os conceitos de soberania, democracia, territorialidade são questionados de maneira jamais vista, emergindo aos olhos da humanidade a discussão entre coexistência e cooperação.

Perceber e analisar o mundo globalizado, e por onde passam os ventos da economia, política, artes, é de alçada importância para a compreensão dos fenômenos modernos, da convivência social, do planejamento dos países e de suas cidades. Afinal, o movimento do capital não vê mais fronteiras e cada vez mais as barreiras de controle precisam se adequar a uma mutação velocíssima.

Essa globalização traz inúmeros desafios, tensões religiosas, econômicas, culturais, enfim um “cabo de guerra” em diversos segmentos da Aldeia Global². Havia, contudo, um consenso do que fazer e o que buscar, para trazer às nações a implementação de políticas públicas eficientes para a formação, administração e manutenção dos Estados Nacionais em nova realidade, não havendo mais como entender de maneira aprofundada a globalização e seus efeitos.

1 <http://www.7billionothers.org/pt/node/647>, acesso em 10 de agosto de 2016.

2 O conceito de aldeia global foi desenvolvido por Marshall McLuhan, nos anos de 1960, como forma de explicar os efeitos da comunicação de massa sobre a sociedade contemporânea, no mundo todo. De acordo com sua teoria, a abolição das distâncias e do tempo, bem como a velocidade cada vez maior que ocorreria no processo de comunicação em escala global, nos levaria a um processo de retribalização, em que barreiras culturais, étnicas, geográficas, entre outras, seriam relativizadas, nos levando a uma homogeneização sociocultural. Neste caso, imaginava ele ações sociais e políticas, por exemplo, poderiam ter início simultaneamente e em escala global e as pessoas seriam guiadas por ideais comuns de uma “sociedade mundial”. <https://aboutmarshallmcluhan.wordpress.com/category/aldeia-global/>, acesso em 07 de setembro de 2016.

A globalização agora divide os intelectuais. Temos, de um lado, aqueles que veem e analisam o tema pela vertente do mercado e, do outro, a análise pelos impactos na vida comunitária. A pergunta central é: a onda nacionalista e autoritária pode ameaçar seu futuro? Afinal, a antiglobalização ocorre em países onde o processo apresentava sua liderança, a população do Reino Unido votou e aprovou seu desligamento da União Europeia e no final de 2016, Donald Trump venceu a eleição nos Estados Unidos, contrariando todas as pesquisas e a vontade da maioria da população estadunidense³ e mundial.

Os resultados demonstram que os países arrostam muita dificuldade em se organizarem internamente, e por consequente no novo contexto mundial. Diferenças cada vez maiores entre ricos e pobres e as políticas públicas tentando atender a interesses diversos não só nacionais mas internacionais, ensejam grande insatisfação não só na população dos países em desenvolvimento, como também dos grandes líderes mundiais.

O fenômeno da globalização não é recente, porém nunca teve seus efeitos sentidos tão rapidamente. O problema central a ser tratado é o processo que está ocorrendo no embate ideológico entre aqueles que defendem a hegemonia liberal e a forte onda de nacionalismo.

As causas dos resultados no Reino Unido e nos Estados Unidos não são exatamente as mesmas, mas diversos são os pontos em comum. O discurso anti-imigração, a questão econômica com o avanço do sistema globalizado e suas incertezas, além da demografia eleitoral, podem ser apontados como congruentes. A questão é que de várias maneiras, dentro do multifacetado fenômeno da globalização, os movimentos podem ser sentidos no Planeta, começando a surpreender e, em 2017, teremos eleição na França e na Alemanha quando os resultados poderão, mais uma vez, apontar para caminhos diferentes a serem seguidos.

Nos últimos anos diversos fatores foram expressos como primordiais no desenvolvimento dos Estados. Políticas globais relacionadas com o meio ambiente e combate ao terrorismo e a pobreza, são constantes nas agendas globais.

A globalização, com as novas ferramentas tecnológicas de comunicação e integração se exprimem como poderosos expedientes, não só para o debate na implementação destas agendas, mas também para mover o mercado de capitais de maneira jamais experimentada. Por outro lado é perceptível um grande aumento na distância entre ricos

3 O presidente de Estados Unidos não é eleito por voto direto, e sim por um Colégio Eleitoral. Os americanos votam por um candidato, mas, na realidade, escolhem um “eleitor” que votará por eles no Colégio. O Colégio Eleitoral é integrado por 538 eleitores, logo mesmo com maior votação popular o candidato pode não ser eleito, como ocorreu por exemplo, na eleição do presidente George W Bush contra Al Gore, onde o derrotado teve 51.003.926 votos e o vencedor 50.460.110 e caminha para ocorrer na eleição de 2016. <http://exame.abril.com.br/mundo/entenda-como-funciona-o-processo-eleitoral-americano/>

e pobres. A receita concentrou-se em alguns centros, e não só os países com economias menores sentiram estes efeitos, mas também boa parte dos chamados gigantes da economia.

A polarização das riquezas desencadeou inúmeros problemas e força os governos a realizar ações corretivas em inúmeras frentes. O debate passa a ter maior importância, pois a grande parte das comunidades de vários países europeus e dos Estados Unidos começa a sentir o outro lado da globalização, com a saída das empresas em busca de mão de obra barata fora das fronteiras territoriais, a automação de postos de trabalho e, também, problemas graves – como o fluxo migratório crescente e a diminuição do crescimento econômico.

Em aplaudidíssimo discurso na Assembleia Geral da ONU (Organização das Nações Unidas), o ex-presidente do Uruguai, Pepe Mujica, levantou questionamentos sobre a “força da utopia”, de “esculpir um mundo sem fronteiras”. É fundamental se entender os novos panoramas dos mercados mundiais, a diversidade do desenvolvimento e planejamento dos Estados de maneira ainda tão desigual em um momento em que a informação, cada vez mais, aproxima os povos de vários pontos do Planeta e da constante e crescente perda da humanidade.

1. Globalização

Para alguns, a globalização é a constante interdependência de povos e Estados do Globo, manifestando-se de formas distintas no decurso da história. O fenômeno transcende a Era Moderna e vem de séculos. Afinal, o fluxo migratório do homem remonta a dois milhões de anos na sua procura por condições de sobrevivência⁴ (Blainey, 6,), continua na formação dos grandes impérios da Antiguidade com as conquistas territoriais; avança pela Idade Média, com a presença forte e dominante da Igreja sobre diversas nações, passando pela Revolução Francesa, a Revolução Industrial, as grandes guerras, o Pacto da Nações, a ONU, e segue até o advento da internet e a revolução tecnológica atual.

A globalização, com a constante prática comercial entre países, segundo Paulo Buss⁵. “remonta o século XVI, época dos grandes descobrimentos e das viagens de exploração e

4 Blainey, Geoffrey. **Uma Breve História do Mundo**. 2ed. Curitiba. Fundamento. 2014

5 Buss, Paulo Marchiori . Globalization, poverty and health. artigo adaptado da Conferência Leavell, apresentada no XI World Congress of Public Health da World Federation of Public Health Associations e VIII Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, em 23/08/2006. Fundação Oswaldo Cruz, Presidência. Av. Brasil 4365, Manguinhos. 21041-900 Rio de Janeiro

para a grande maioria dos autores é um processo econômico, social e cultural que se estabeleceu nas duas ou três últimas décadas do século XX”.

Já para Manuel Castells⁶ “Aquilo a que chamamos globalização é outra maneira de nos referirmos à sociedade em rede, ainda que de forma mais descritiva e menos analítica do que o conceito de sociedade em rede implica”; não resta dúvida de que o atual estágio do fenômeno global está intrinsecamente ligado às redes de informação, mas a questão é maior, pois as redes descortinaram a fragilidade das soberanias e da territorialidade⁷.

Zygmund Bauman exprime em uma análise sobre o processo da globalização moderna a ideia que o que pode ser por demais benéfico para alguns vai de encontro às necessidades de outros:

A “globalização” está na ordem do dia; uma palavra da moda que se transforma rapidamente em um lema, uma encantação mágica, uma senha capaz de abrir as portas de todos os mistérios presentes e futuros. Para alguns, “globalização” é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros, é a causa da nossa infelicidade. Para todos, porém, “globalização” é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível; é também um processo que nos afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira. Estamos todos sendo “globalizados” — e isso significa basicamente o mesmo para todos (2014, pag 7).

Em sua obra, o professor Boaventura de Sousa Santos expressa um exame sabiamente lúcido, ao apontar a diversidade do fenômeno da globalização e suas múltiplas abordagens possíveis, defendendo a ideia que “nos encontramos num período de transição e proponho uma teoria mundial em transição” (2002, pag. 15).

Segundo o cientista português nas últimas décadas, as interações transnacionais se intensificaram de maneira dramática com a disseminação das informações, o fluxo das pessoas, os meios de comunicação, levando alguns autores a pensar que ocorreria uma ruptura com as relações anteriores e interações das fronteiras.

6 CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 17ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A., 2016

7 O conceito de territorialidade foi primeiramente descrito pelo inglês H. E. Howard no seu livro “Territory in Bird Life”, publicado em 1920. A partir de então, o território foi definido por Ardrey como uma área do espaço, aquático, terrestre ou aéreo na qual um animal ou grupos de animais se protegem com a finalidade de se preservar. Dessa maneira, todo animal que defende um espaço particular é chamado de animal territorial, e as ações que ocorrem para a defesa de sua área são denominadas comportamentos territoriais <<http://www.arg.ufmg.br/rcesar/pmdvw/piaup1/territorialidade.html>> acesso em 21 de setembro de 2016

O fenômeno no entanto, na visão do autor é muito além das relações fronteiriças:

Uma revisão dos estudos sobre os processos de globalização mostra-nos que estamos perante um fenômeno multifacetado com dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas de modo complexo. Por esta razão, as explicações monocausais e as interpretações monolíticas deste fenômeno parecem pouco adequadas. Acresce que a globalização das últimas três décadas, em vez de se encaixar no padrão moderno ocidental de globalização-globalização como homogeneização e uniformização-sustentado tanto por Leibniz, como por Marx, tanto pelas teorias de modernização, como pelas teorias do desenvolvimento dependente, parece combinar a universalização e a eliminação das fronteiras nacionais, por um lado, o particularismo, a diversidade local, a identidade étnica e o regresso ao comunitarismo, por outro. Além disso, interage de modo muito diversificado com as outras transformações do sistema mundial que lhe são concomitantes, tais como o aumento dramático das desigualdades entre países ricos e países pobres e, no interior de cada país, entre ricos e pobres, a sobrepopulação, a catástrofe ambiental, os conflitos étnicos, a migração internacional massiva, a emergência de novos estados e a falência ou implosão de outros, a proliferação de guerras civis, o crime globalmente organizado, a democracia formal como uma condição política para a assistência internacional, etc... (2002, p.26)

A globalização no pensamento de Santos não é consensual, mas sim um “intenso campo de conflitos entre diferentes grupos sociais, Estados e interesses hegemônicos”. (Pag. 26) Os interesses dos mais ricos atuam na base de do fenômeno. Atenta ele para a noção de que o século XX foi dominado durante grande parte pelo conflito entre a revolução e o reformismo. O colapso da União Soviética e a queda do muro de Berlim, significaram o fim do paradigma revolucionário. A questão social é, a partir de agora, não uma questão política, e sim técnica. Ela não é mais do que a repetição acelerada das relações cooperativas entre grupos sociais e entre Estados (2002,p.28).

Algo de estranho acontece no processo civilizador⁸, que parece ser muito além de mais uma evolução tecnológica, afinal, os séculos se passam e as visões sempre são cícli-

8 Norbert Elias coloca “que em toda parte parece estar na origem do “processo civilizador”, entendido como a pacificação das condutas e o controle dos afetos. Elias, Norbert, 1897-1990 **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte** / Norbert Elias; tradução, Pedro Sússekind; prefácio, Roger Chartier. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2001.

cas sobre a espécie mudando a forma, os personagens mas mantendo a perversidade e a manipulação.

Segundo Nobert Elias,

O processo civilizador consiste, portanto, antes de tudo, na interiorização individual das proibições que, antes, eram impostas de fora, em uma transformação da economia psíquica que fortalece os mecanismos do autocontrole exercido sobre as pulsões e emoções e faz passar da coerção social [*gesellschaftliche Zwang*] à auto-coerção [*Selbstzwang*].

A realização do evento globalizado passa, é claro, pela constituição de todos seus Estados Nacionais e a necessidade, de sorte que estes países começaram a se aproximar e interagir. Inegável é a impressionante necessidade humana de avançar sobre seu semelhante, seja mediante a força física, econômica ou religiosa.

É patente a existência de um regramento na ordem social mundial, que luta por nivelar os povos, mas encontra sérios obstáculos na política interna dos países, suas metas de desenvolvimento urbano para a melhoria de serviços a serem prestados a população, afinal o avanço social em todos os lugares do Globo, pode acarretar enfraquecimento das grandes potências e das empresas no panorama econômico planetário.

A ordem econômica ultrapassa as fronteiras dos Estados, pois a sobreposição de uns pelos outros enseja uma dependência, não só nas relações comerciais, mas, também, no posicionamento jurídico imposto, pois se internamente os legisladores deveriam exprimir a vontade do povo, no contexto Internacional, os acordos e tratados são realizados entre nações e, nesse jogo de poder e volatilidade do mercado, modelos de Estados têm seus alicerces destruídos, como na crise de 2008.

Os chamados emergentes tentam estabelecer laços e forçam para alterar o panorama global. Surgem, então, novos desafios, mas globalização não é só um fenômeno econômico, mas sim de aproximação e quebras paradigmáticas constantes, parecendo que os paradigmas podem ser muito fortes para serem quebrados, conforme os eventos de 2016 tendem a demonstrar.

Os processos que demoravam séculos para se adequarem ante um fluxo de informações tangível, agora ocorrem virtualmente e em uma velocidade de dados espantosa. As consequências na maioria das vezes, são inesperadas. O ano de 2016 foi marcado pelas respostas inesperadas a temas de interesse regional e mundial em muitos pontos do Planeta. Diversos assuntos que precisaram do voto popular surpreenderam em seus

resultados, não só pelo seu desfecho, mas em virtude da absoluta divisão da população em, diversos países, sobre temas delicados para as sociedades envolvidas.

Bauman, ao citar Paul Virilio, disse recentemente que, se parece bastante prematura a declaração de Francis Fukuyama sobre o “fim da história”, pode-se cada vez com maior confiança falar atualmente do “fim da geografia”. As distâncias já não importam, ao passo que a ideia de uma fronteira geográfica é cada vez mais difícil de sustentar no “mundo real”. Parece claro, de um momento para o outro, que as divisões dos continentes e do Globo como um todo ocorreram em função das distâncias, outrora impositivamente reais, devido aos transportes primitivos e às dificuldades de viagem⁹.

A clara tensão de um fim da União Europeia parece ir de encontro a tendência imposta pela tecnologia, mas disputas internas, planejamento estatal, comportamento ético global, tudo está em movimento. Quais as respostas? Como bem exclamou Boaventura dos Santos¹⁰, são perguntas muito complexas; não existem respostas fáceis.

A indefinição de regras e conceitos provoca um certo desconforto em quem, no seu dia a dia, se preocupa com emprego, alimentação e demais necessidades básicas, cuja globalização ainda não pode ser responsável e dar a segurança legal necessária, como será exposto por Bauman no quarto capítulo.

Em diversos momentos da história, a expansão sobre as fronteiras ocorreu, e, por inúmeras vezes, ela se retraiu. O fenômeno é rotineiro, mas agora a adequação e a “desadequação” se exprimem muito mais rápidas. Debates sobre esquerda, direita, democracia, capitalismo, começam a se transformar num enorme, imenso, ponto de interrogação.

2. Globalização e as empresas

O marco inicial para a grande revolução pela qual a humanidade está passando, segundo Manuel Castells, só pode ser comparada à Revolução Industrial, e teve seu início nos anos 1970, por via do financiamento militar do governo estadunidense para o desenvolvimento de uma estrutura de comunicação em redes, impulsionando assim o desenvolvi-

⁹ Bauman op cit apud Paul Virilio, “Un monde superexposé: fin de l’histoire, ou fin de la géographie?”, Le Monde Diplomatique, agosto de 1997, p. 17. A ideia do “fim da geografia” foi formulada pela primeira vez, que eu saiba, por Richard O’Brien (ver sua obra *Global Financial Integration: The End of Geography*, Londres, Chatham House/Pinter, 1992).

¹⁰ SANTOS, Boaventura de Sousa. **Toward a new common sense: law, science and politics in the paradigmatic transition**. Nova Iorque: Routledge, 1995.

mento das mais distintas tecnologias de comunicação e informatização, como o transistor, o microchip, o microprocessador, os microcomputadores, dentre outras.

Empresas instaladas no Vale do Silício, na Califórnia, Estados Unidos desde os anos 1970/1980 foram responsáveis diretas por este desenvolvimento. Pessoas como Steve Jobs (Apple) e Bill Gates (Microsoft) abandonaram seus estudos universitários para fundar na época o que hoje são duas das maiores empresas mundiais.

O autor aponta, além do financiamento militar, a crise do petróleo no início dos anos 1970 (73/74) como eventual responsável pela reestruturação do sistema na época e do desenvolvimento informacional.

O desenvolvimento tecnológico, na visão do autor, é diferente, da máquina a vapor e da energia elétrica, existentes durante a Revolução Industrial, pois as novas tecnologias agem diretamente sobre as informações, alteram o modo de existir individual das pessoas e a maneira de se ver em sociedade, além de permitir uma velocidade inacreditável de organização, flexibilização e mudança das empresas.

Ao falar sobre produtividade na economia informacional, é patente para Castells que a noção de somente as empresas e os Estados, cuja capacidade de adaptação for melhor para buscar a competitividade, nesta nova estrutura, terão melhor desempenho. A busca das empresas deve ser não só na produção mas também no uso das tecnologias para reduzir custos, ampliar mercado e mover o capital no sistema.

Na produção das empresas, o modelo antigo passa a ser flexível, em virtude da imprevisibilidade mercadológica e da constante evolução tecnológica dos produtos e serviços. A nova realidade estrutural das empresas permite adequação rápida a estas variações. Adicionando-se à nova realidade empresarial, temos maior interação e negócios das grandes cooperações e empresas locais; é acrescido ainda constante controle de qualidade para atender o mercado consumidor e a necessidade de redução de custos.

Zigmund Bauman sobre o tema dispõe que as empresas atuais e sua facilidade de se instalar com suporte nos diversos locais onde exerce suas atividades: “A companhia pertence às pessoas que nela investem—não a seus empregados, fornecedores ou à localidade em que se situa”. (DUNLAP apud Bauman, 2014, pag. 13). O que está em voga não é só a situação de pertencer apenas como uma definição legal da propriedade mas sim o direito de descartar, declarar irrelevante e ter, sim, o controle total da situação sobre uma determinada empresa.

A falta de identidade geográfica faz com que as empresas, antes símbolos nacionais e de centros capitalistas, procurem mão de obra barata e, conseqüentemente mudem a localização do capital. Não se pode mais ter a idéia de pertença de uma determinada empresa a um Estado.

Boaventura de Sousa Santos aponta como uma das mais graves consequências da globalização econômica neoliberal a enorme concentração de renda das grandes empresas multinacionais, que hoje se posicionam entre as maiores economias mundiais e a subordinação dos Estados nacionais às agências de regulação, como FMI e OMC.

3. Globalização e o trabalho

O processo global afeta a estrutura do mercado de trabalho e muitas novas funções serão necessárias para movimentar o sistema informacional, algumas mantendo a característica local e, quando extirpadas do sistema obreiro, em razão do avanço tecnológico, provocam as ondas de imigração.

Castells, ao citar o ensaio clássico de Max Weber sobre *The Protestant Ethic and The Spirit of Capitalism* procura introduzir elementos necessários, para o espírito do informacionalismo e o novo modo de desenvolvimento como ele apresenta, afinal não estamos diante de empresas familiares isoladas ou Estados com autonomia sobre suas economias, mas perante um conceito novo, global, em rede.

Ele faz questão de lembrar que, durante o período de desenvolvimento do informacionalismo, o capitalismo embora em modalidades diferentes da análise de Weber, ainda continua sendo o *modus operandi* predominante.

Continuando sua obra, Castells analisa a transformação do mercado de trabalho e as importantes tendências apontadas pelo informacionalismo em uma reflexão sobre a estrutura de emprego nos países do G7, com a evolução do mercado de trabalho de 1920 a 2005, países estes em profunda migração dos postos de trabalho para o novo modelo, com o desaparecimento de atividades e o surgimento de profissões e empregos, devidamente adequados ao modelo econômico expresso no novo patamar tecnológico global. Aponta a diminuição e, até mesmo, a extinção de funções mas situa a contrapartida de novas perspectivas de empregado.

A economia global, segundo o autor, passa agora por uma fase pós-industrial. A queda do emprego antes apenas rural (20-70) agora é industrial. A maior parte da população migra para o setor de serviços e a tendência é uma crescente alta no âmbito da tecnologia da informação, o que necessita de maior especialização. As sociedades mais desenvolvidas, aparentemente, fizeram uma migração mais tranquila do sistema antigo para o atual, mas a adequação não é, segundo Castells, uma característica apenas destas sociedades, porquanto países em desenvolvimento, com políticas corretas, podem também se adequar.

Apesar de colocar o emprego assalariado como força de trabalho constante das economias avançadas, o autor demanda uma visão diferenciada dos padrões estruturais, em decorrência da atuação das redes e flexibilização dos postos de trabalho, o surgimento de postos de trabalho autônomos e situações profissionais mistas, se refere a um ponto interessante, quando destaca que nas sociedades da tecnologia da informação, o perfil profissional, será muito diverso do imaginado.

O autor exprime que o pânico gerado por uma eventual sociedade sem empregos, não merece prosperar, uma vez que não há eliminação de empregos pelo desenvolvimento tecnológico e pela globalização, mas sim de uma transformação de toda uma cadeia, com o importante surgimento do processo individual do trabalho e a criação de jornadas flexíveis, para as diversas categorias laborais.

A nova estrutura em rede desencadeou a mudança do trabalho. O desemprego na Europa e nos Estados Unidos ocorre na maneira estrutural, com a queda de salários e o aumento da instabilidade, porém enseja novas oportunidades, em virtude do aumento grandioso de condições de trabalho mais flexíveis. O trabalhador, no entanto se faz refém das empresas.

Para Zygmund Bauman os funcionários presos a determinadas localidades em consequência da necessidade do emprego, sem a mobilidade de ir e vir, uma vez que os controladores decidam encerrar a atividade empresarial, sofrerão as consequências do fim da companhia naquele local.

Não existe mais a referência territorial das companhias, as fronteiras continuam sendo um fenômeno de classes e estão presas a elas as pessoas restritas por sua classe social inferior, sem a liberdade de navegar livremente, não compartilhando de um espaço sem restrições.

Segundo Bauman (pag.16), uma das grandes riquezas atuais, privilégio de poucos, é a mobilidade, pois ser extraterritorial é um privilégio de uma elite:

No mundo pós-guerra espacial, a mobilidade tornou-se o fator de estratificação mais poderoso e mais cobiçado, a matéria de que são feitas e refeitas diariamente as novas hierarquias sociais, políticas, econômicas e culturais em escala cada vez mais mundial. E para aqueles no topo da hierarquia, a liberdade de movimento traz vantagens muito além daquelas resumidas na forma de Dunlap.

A grande questão é que os avanços, consoante o autor, permitiram afastar, conflitos, solidariedades e a administração para além do olho humano. As elites escolheram o isolamento e pagam por ele, prodigamente, e de boa vontade.

O tema das novas relações trabalhistas na globalização foi apontado por Boaventura dos Santos mediante uma citação de Froebel, Heinrichs e Kreye (1980), para quem,

Os principais traços desta nova economia mundial são os seguintes: economia dominada pelo sistema financeiro e pelo investimento à escala global; processos de produção flexíveis e multilocais; baixos custos de transporte; revolução nas tecnologias da informação e da comunicação; desregulação das economias nacionais; preeminência das agências financeiras multilaterais (2002,p. 28)

O tema das novas relações trabalhistas na globalização foi apontado pelo autor mediante uma citação de Froebel, Heinrichs e Kreye (1980), para quem,

Os principais traços desta nova economia mundial são os seguintes: economia dominada pelo sistema financeiro e pelo investimento à escala global; processos de produção flexíveis e multilocais; baixos custos de transporte; revolução nas tecnologias da informação e da comunicação; desregulação das economias nacionais; preeminência das agências financeiras multilaterais (2002,p. 28)

Boaventura de Sousa Santos aponta como uma das mais graves consequências da globalização econômica neoliberal a enorme concentração de renda das grandes empresas multinacionais, que hoje se posicionam entre as maiores economias mundiais e a subordinação dos Estados nacionais às agências de regulação, como FMI e OMC.

Em decorrência das crescentes desigualdades, da concentração de renda e do enorme poder de influência das grandes empresas, temos o surgimento de uma classe capitalista transnacional “cujo campo de reprodução social é o globo, enquanto tal e que facilmente ultrapassa as organizações nacionais de trabalhadores” (2002,pag.31).

Na compreensão do autor a nova divisão internacional do trabalho, somada à política econômica pró-mercado, comprimiram a autonomia política e soberana efetiva dos Estados periféricos e semi periféricos. Este influxo negativo no contexto internacional na regulamentação internacional “mais do que um fenômeno novo, é inerente ao sistema interestatal moderno e está inscrito no próprio Tratado da Westphalia” (pag 36). O ponto é que a soberania agora não está somente ameaçada por outros Estados, mas protegida pela regulamentação internacional. A questão é a ameaça “por agências financeiras internacionais e outros atores transnacionais privados, tais como as empresas multinacionais” (2002, p.37).

4. O papel do Estado e as Políticas Públicas

Na reestruturação proposta por Castells, o papel do Estado apoiando o desenvolvimento das novas tecnologias e a evolução das empresas no mercado global são fundamentais, e a abertura dos mercados deve ocorrer, mas existem os riscos em decorrência desta, sendo patente a fragilidade diante dos fluxos dos mercados financeiros. Assim como a mudança da realidade de vários setores, o surgimento de inúmeros novos agentes e a destruição de segmentos antes poderosos são notórias. Paralelo a todo este desenvolvimento tecnológico ocorreu a derrocada do sistema soviético e da economia russa, em virtude da lentidão para adaptação ao novo sistema.

A estrutura da nova economia denominada global, segundo Castells, diverge da chamada economia mundial, pois funciona em escala planetária de maneira instantânea. Os capitais são arremessados, de um lado a outro do Planeta, de uma maneira interconectada e os fluxos internacionais são cada vez maiores e mais independentes dos governos nacionais. Como ensina o autor (pág. 25), porém,

Existe uma transformação ainda mais profunda nas instituições políticas na sociedade em rede: o aparecimento de uma nova forma de Estado que gradualmente vai substituindo os estados-nação da Era Industrial. Isto está relacionado com a globalização, ou seja, com a formação de uma rede de redes globais que ligam seletivamente, em todo o planeta, todas as dimensões funcionais da sociedade. Como a sociedade em rede é global, o Estado da sociedade em rede não pode funcionar única ou primeiramente no contexto nacional.

Ao afirmar que o “espaço social” nasceu na cabeça dos sociólogos, Bauman exprime a ideia de que hoje, a experiência do espaço físico é objetiva “a medimos com a extensão do Equador e não com o tamanho das partes do corpo humano”. Desta maneira, o que pode ser por demais claro para alguns é distante e ilegível para outros. Antes as medidas das divisões de espaço eram universalmente impostas pelo Estado.

Desta maneira, hodiernamente, na lição de Bauman:

Não admira que a legibilidade do espaço, sua transparência, tenha se transformado num dos maiores desafios da batalha do Estado moderno pela soberania de seus poderes. Para obter controle legislativo e regu-

lador sobre os padrões de interação e lealdade sociais, o Estado tinha que controlar a transparência do cenário no qual vários agentes envolvidos na interação são obrigados a atuar. A modernização dos arranjos sociais promovidos pelas práticas dos poderes modernos visava ao estabelecimento e perpetuação do controle assim entendido. Um aspecto decisivo do processo modernizador foi portanto a prolongada guerra travada em nome da reorganização do espaço. O que estava em jogo na principal batalha dessa guerra era o direito de controlar o ofício de cartógrafo. (Ibid, 2014,p.32)

Na obra de Bauman, o espaço físico não é mais visto como antes, pois as elites criam estratégias de controlar sem ser vista. O ordenamento territorial não existe do jeito anterior e grandes são as dificuldades de impor restrições e tributos.

Nessa etapa Bauman fala da ruptura clara entre o Estado-Nação e a economia. A questão passa a ser o que vem depois:

Numa geração anterior, a política social baseava-se na crença de que as nações, e dentro delas as cidades, podiam controlar suas riquezas; agora, abre-se uma divisão entre Estado e economia. (SENETT apud Bauman, 2014,pág. 55)

O autor continua o capítulo, explicando o final dos blocos de poder e o alerta para o futuro desconhecido:

A “nova desordem mundial” dos dias de hoje não pode ser explicada meramente pela circunstância que constitui a razão mais óbvia e imediata da sensação de pasmo e perplexidade: a saber, a confusão de “dia seguinte” produzida pelo fim abrupto do Grande Cisma e o súbito colapso da rotina política dos blocos de poder — mesmo que tenha sido esse colapso que deu o alerta da “nova desordem”. (Ibid,p.57)

Não há mais uma ordem interna, muito menos externa, segundo o Bauman (pag. 58) “Esta nova e desconfortável percepção das *coisas fugindo ao controle* é que foi articulada (com pouco benefício para a clareza intelectual) num conceito atualmente na moda: o de globalização”. O ponto da soberania estatal diante do cenário instável da globalização cria morte de alguns Estados, sem recursos fragmentando seu poder político e o controle

econômico. Problemas paralelos à fome não são noticiados pela mídia, pois não se fala em violência doméstica, analfabetismo etc... Não há, na opinião do autor, a expectativa de que o Estado exerça suas funções “outrora consideradas a razão de ser das burocracias da Nação-Estado”:

Nas palavras de John Kavanagh, do Instituto de Pesquisa Política de Washington, A globalização deu mais oportunidades aos extremamente ricos de ganhar dinheiro mais rápido. Esses indivíduos utilizam a mais recente tecnologia para movimentar largas somas de dinheiro mundo afora com extrema rapidez e especular com eficiência cada vez maior. Infelizmente, a tecnologia não causa impacto nas vidas dos pobres do mundo. De fato, a globalização é um paradoxo: é muito benéfica para muito poucos, mas deixa de fora ou marginaliza dois terços da população mundial. (KAVANAGH apud Bauman, 2014 p. 69)

No título “Turistas e Vagabundos”, na obra de Zygmund Bauman, o autor aponta a existência dos dois personagens da globalização do mundo de consumo. Inicialmente, temos o cidadão do Primeiro Mundo, com liberdade e recursos de viajar e escolher o que consumir; o segundo é segregado a seu espaço limitador e condicionado pela mídia, sem poder escolher da mesma forma que os primeiros:

Como todas as outras sociedades, a sociedade pós-moderna de consumo é uma sociedade estratificada. Mas é possível distinguir um tipo de sociedade de outro pela extensão ao longo da qual ela estratifica seus membros. A extensão ao longo da qual os de “classe alta” e os de “classe baixa” se situam numa sociedade de consumo é o seu grau de mobilidade — sua liberdade de escolher onde estar. Uma diferença entre os da “alta” e os da “baixa” é que aqueles podem deixar estes para trás, mas não o contrário. As cidades contemporâneas são locais de um “apartheid ao avesso”: os que podem ter acesso a isso abandonam a sujeira e pobreza das regiões onde estão presos aqueles que não têm como se mudar” (Ibid,pag 83.)

A grande questão é que não pode haver turistas sem vagabundos; e o ficar parado em um mundo em constante movimento é uma prisão moderna, pois a globalização roda apenas em torno dos desejos e necessidades dos turistas e um dos seus efeitos é o surgimento de vários outros vagabundos, que são:

Vagabundos são viajantes aos quais se recusa o direito de serem turistas. Não se permite nem que fiquem parados (não há lugar que lhes garanta permanência, um fim para a indesejável mobilidade) nem que procurem um lugar melhor para ficar. Uma vez liberado do espaço, o capital não precisa mais da mão-de-obra itinerante (enquanto sua mais avançada e emancipada vanguarda high-tech sequer precisa de mão-de-obra alguma, móvel ou fixa). E assim a pressão para derrubar as últimas barreiras ao livre movimento do dinheiro e das mercadorias e informação que rendem dinheiro anda de mãos dadas com a pressão para cavar novos fossos e erigir novas muralhas (chamadas de leis de “imigração” ou de “nacionalidade”) que barrem o movimento daqueles que em consequência perdem, física ou espiritualmente, suas raízes. Sinal verde para os turistas, sinal vermelho para os vagabundos. (Ibid,p.90)

Antes tais colocações de incertezas do processo globalizatório, o autor, também apresenta, a discussão sobre as ordens locais ante uma lei global. Afinal, o que está em jogo hoje é tornar as condições interessantes para os investidores, logo, a lei imperativa deve seguir a vontade global:

O que está em jogo hoje”, disse Tietmeyer, “é criar condições favoráveis à confiança dos investidores.” E prosseguiu explicando que condições seriam essas, de novo de forma rápida e sem muita argumentação, como quando se falam coisas consideradas evidentes para todos no momento em que são proferidas. Para tornar os investidores confiantes e encorajá-los a investir.(Ibid,p.99)

Boaventura dos Santos por sua vez afirma que a existência do Estado, porém, na Era da Globalização das comunicações, também é um fato social a ser estudado. Segundo o autor, a nova época permite que o antes romântico período da televisão agora através do mundo pós-eletrônico, transforme a imaginação num fato social coletivo, passando a fazer parte do dia a dia das pessoas, transpondo barreiras territoriais.

Com efeito, de acordo com Boaventura, para se determinar a natureza das globalizações, não se pode trazer a falsa ideia de um fenômeno “linear, monolítico e inequívoco” (2002,p. 49):

Aparentemente transparente e sem complexidade, a ideia de globalização obscurece mais do que esclarece o que se passa no mundo. E

o que obscurece ou oculta é, quando visto de outra perspectiva, tão importante que a transparência e simplicidade da ideia de globalização, longe de serem inocentes, devem ser considerados dispositivos ideológicos e políticos dotados de intencionalidades específicas.

Das intencionalidades o autor sugere a atenção a duas delas – a primeira segundo sua denominação (pag. 50), é a falácia do determinismo, que consiste na noção de que a globalização é um fenômeno espontâneo:

Nesta falácia incorrem não só os embaixadores da globalização como os estudiosos mais circunspectos. Entre estes últimos, saliento Manuel Castells para quem a globalização é o resultado inelutável da revolução das tecnologias da informação. Segundo ele, a nova economia é informacional porque a produtividade e competitividade assentam na capacidade para gerar e aplicar eficientemente informação baseada em conhecimento e é global porque as atividades centrais da produção, a distribuição e do consumo são organizadas à escala mundial. A falácia consiste em transformar as causas da globalização em efeitos da globalização.

A segunda intencionalidade é a falácia do desaparecimento do Sul, e, mais uma vez, cita Castells (pag. 52) para quem:

(...)a globalização pôs fim à ideia de Sul e mesmo a ideia de terceiro Mundo, na medida em que é cada vez maior a diferenciação entre países e no interior de países, entre regiões. Segundo ele, a novíssima divisão internacional do trabalho não ocorre entre países, mas entre agentes econômicos e entre posições distintas na economia global que competem globalmente, usando a infraestrutura tecnológica da economia informacional e a estrutura organizacional de redes e fluxos. Neste sentido deixa igualmente de fazer sentido a distinção entre centro, periferia e semiperiferia no sistema mundial. A nova economia é uma economia global distinta da economia mundo. Enquanto esta última assentava na acumulação de capital, obtida em todo o mundo, a economia global tem a capacidade para funcionar como uma unidade em tempo real e à escala planetária. Sem querer minimizar a importância das transformações em curso, penso, no entanto, que Castells leva longe demais a imagem da globalização(...)

Boaventura (pag.55) ressalta “a grande maioria da população mundial sofre as consequências de uma modernidade ou de uma globalização nada reflexiva” e a contradição entre Estado-Nação e o não-Estado transnacional. Para alguns autores, segundo ele:

(...) o Estado é uma entidade obsoleta e em vias de extinção e para outros o Estado continua a ser a entidade política central, não só porque a erosão da soberania é muito seletiva como, sobretudo, porque a própria institucionalidade da globalização-das agências financeiras multilaterais a desregulação da economia é criada pelos Estados nacionais.

Considerações Finais

A corrida do homem à lua segundo Hanna Arendt (**Condição Humana**), mais do que uma conquista tecnológica, exprimia a satisfação do homem em se libertar do planeta Terra e vislumbrar novos horizontes.

O sentimento de libertação deve ser visto também como uma angústia; descobrir caminhos, em vez de pavimentar os percorridos, por diversas vezes, é mais fácil. O movimento nômade da humanidade não é mais somente físico, está diante das telas de computador e aplicativos, aos milhões, mudanças na ordem social, cultural e também legal – tudo ocorre simultaneamente, de maneira multifacetada.

Nos últimos 20 anos, o mundo passa por mudanças constantes e em velocidade assustadora, mas que podem ser acolhidas de *muito bom tom*, se o homem entender que essa transição, seja ela econômica, ambiental ou humanitária, pode ser um marco inicial e a formação de uma sociedade melhor e mais justa.

O processo não está sendo conduzido da maneira correta. Afinal centenas de milhões de pessoas dependem dos Estados e os Estados esperam pelos contribuintes e instituições privadas, em um ciclo complexo e secular.

A busca frênética das empresas transnacionais em maximizar seus ganhos, pagar menos impostos, encontrar mão de obra barata, pode ter sido, não fatal, mas muito prejudicial ao processo, que, de modo algum é somente econômico. A humanidade deve ser devolvida a ela mesma e se deve aproveitar a mudança que bate as suas portas para beneficiá-la, não somente manipulá-la, na busca do ganho rápido de capital.

Ademais, os interesses globais e das poderosas empresas e conglomerados transnacionais¹¹ têm cada vez mais influência negativa no planejamento e realização de políticas

11 Transnacionais; As transnacionais correspondem às corporações industriais, comerciais e de prestação

internas, inclusive pelo fato de grande parte das obras de desenvolvimento contar com apoio de fundos e instituições estrangeiras que, evidentemente, tendem a resguardar seus interesses e os preceitos dos seus investidores.

Com efeito é impossível pensar em planejamento simplesmente internalizando as políticas dentro dos Estados. Os interesses, vão além, a captação de recursos, a capacitação tecnológica, os proveitos internacionais, todos compõem as “redes” não só de informação, mas também de cooperação e coexistência.

Os recentes acontecimentos de 2016, citados no segundo capítulo, o chamado Brexit (Britain Exit), e o resultado da eleição dos EEUU com a escolha de Donald Trump em decisões apertadíssimas, demonstram que dois dos grandes centros do processo de globalização moderno encontram uma resistência interna muito grande, o que pode significar um momento de readequação na ordem mundial, a ser percebido nos próximos anos.

Por anos, a população interna de vários Estados passou afastada do processo de globalização e seu significado, envolvida apenas nas peculiaridades do seu Estado-Nação, suas regras, práticas religiosas e costumes. O fenômeno da globalização e os que dela se beneficiam era discutido e repensado por poucos, porém sentimentos nacionalistas passaram a fazer frente à prática globalizada e o rápido fluxo das informações da sociedade em rede parece ter provocado uma reação em cadeia de fato inesperada

É impossível analisar o desenvolvimento e a globalização sem lembrar o funcionamento do capitalismo, e o pensamento de Karl Heinrich Marx, e sua complexa teoria, mediante a relação da exploração do trabalho, substituição do homem pela máquina com a intenção de baratear custos e aumentar a produtividade do trabalhador, dinamizando o processo.

Em **O Capital**, Marx escreve: “é trabalho morto, que apenas se reanima, à maneira dos vampiros, chupando o trabalho vivo e que vive quanto mais trabalho vivo chupa”. (C1, 189). O conceito é atual na realidade global da exploração da mão de obra agora no fluxo global, prática esta responsável por consequências humanas, conforme Bauman, desastrosas e um distanciamento cada vez maior entre ricos e pobres, no pensamento de Boaventura.

de serviços que atuam em distintos territórios dispersos no mundo. Nesse caso, ultrapassam os limites territoriais dos países de origem das empresas. Os investimentos dessas empresas são altíssimos, uma vez que a matriz emite os recursos para as filiais localizadas em muitos países pobres. Nesses países, as transnacionais exercem funções importantes como acelerar o desenvolvimento industrial, além de gerar postos de trabalho. No entanto, essas empresas não têm objetivo social no momento em que se instalam em um determinado país. Pelo contrário, para sua instalação acontecer, o governo oferece uma série de benefícios e incentivos, tais como isenção parcial ou total de tributos, até mesmo dos lucros. Esses países se submetem a essas exigências a fim de atrair novos investimentos estrangeiros e também garantir a permanência das empresas. <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/transnacionais.htm>

Foi preciso Castells em seu pensamento, porque, após a explosão da tecnologia das comunicações, o mundo sem fronteiras passa, sim, a ser cada vez mais “sem fronteiras”, porém Bauman ressalta que os problemas sociais do mundo passam a ser muitos maiores com a globalização. A ausência de fronteiras cria um fosso imenso entre os mais ricos e mais pobres e o discurso do presidente Pepe Mujica (introdução) cada vez mais utópico.

A questão deste diálogo entre globalização, tecnologia e desenvolvimento e descobrir qual a fórmula para equilibrar os interesses locais com os globais.

O mundo está dividido e inseguro. O desafio agora é integrá-lo e equilibrá-lo, mas nunca o distanciamento foi tão grande. A observação permite constatar que os homens são criados entre as regras dos seus Estados e crenças, e que a globalização, além das fronteiras comerciais, situa no mesmo *mix* diversos e inúmeros valores sociais que vão além do *pacta sun servanda*, a ser observado nas relações econômicas e contratos entre os povos e organizações mundiais.

Será necessário para a continuidade do processo solidificar as normas mundiais porquanto a grande questão é a “liquidez”, conforme o conceito da humanidade em Bauman. Nada do que é feito hoje, sem o alicerce necessário, tem consistência no amanhã.

A regulamentação destes avanços entre fronteiras, sejam sociais, morais, comerciais ou religiosos, é absolutamente complexa, mas necessária, porquanto as leis globais de Bauman devem aderir à ideia de um sistema integrado entre diversos Estados, considerando o ainda latente dogma territorial entre as nações.

Pensar nos hodiernos meios de controle e planejamento para uma aplicação na realidade atual pode ferir princípios jurídicos basilares na aplicação de legislação dificuldade latente no processo até então irreversível de interdependência planetária, conforme Zygmund Bauman¹²:

Contudo não é mais assim. No nosso mundo de interdependência planetário de finanças, capitais de investimento, commodities e informação, realizar a tarefa fica, de maneira obstinada, além do alcance e da capacidade de Estados territorialmente ocupados.

As reconstruções mundiais seguem modelos preexistentes e, até então, responsáveis pelo sucesso em inúmeros casos. A dificuldade maior é a quebra destes modelos em virtude da nova realidade mundial. A acomodação lenta que a história se permitia, agora é questionável, pois tudo é muito mais rápido e incerto.

¹² Bauman Zygmund, Ezio Mauro. Babel: **Entre a Certeza e a esperança**. Rio de Janeiro. Zahat, 2016.

Não seria equivocado afirmar que a regulamentação das relações internacionais ainda precisa de vários expedientes para controlar seus negócios e relações e o destino da humanidade, em tempos de fim de paradigmas antes inquestionáveis.

O desafio é que estes novos ciclos constituintes sejam os neófitos transnacionais ou os nacionais se harmonizem as novas e desafiadoras perspectivas mundias suas políticas, econômicas e sociais.

Soma-se ainda a todas as questões a latente crise no sistema, além da insegurança social, temos a insegurança política, a “in”continuidade dos governos, das filosofias, da economia, enfim, uma imensa interrogação.

Como agir sem o Estado-Nação , que perde sua força, Bauman ao citar Benjamin Barber (ZB Babel 23), explicou:

Hoje, depois de uma longa história de sucesso regional, o Estado-nação está nos decepcionando na escala global. Ele foi a receita política perfeita para a liberdade e a independência de povos e nações autônomos. Ele é terminantemente inadequado para a interdependência. Hoje o Estado-nação está perdendo sua capacidade de proteger a liberdade e a igualdade diante da escala e da complexidade de um mundo interdependente que está excedendo o nacionalismo e a insularidade soberana de suas instituições...a soberania, a virtude do Estado-nação moderno, começa a parecer uma vítima prospectiva da globalização e de sua escala assustadora...Estados-nação não são capazes de lidar com os desafios transfronteiriços de um mundo interdependente. Não obstante, eles tampouco podem forjar instituições além de fronteiras que sejam capazes de fazê-lo.

A necessidade de agir com autonomia dentro de uma lei exterior só é possível ser realizada de maneira positiva se movida pela necessidade mínima de respeito ao próximo. Se não por amor, ou dogma, que pela simples questão de sobrevivência.

Ezio Mauro (Babel, 53) citou Colin Crouch, ao perguntar: “Quanto capitalismo a democracia pode aguentar”, a questão é muito maior, quanto capitalismo a humanidade pode suportar?

Junto a isso, apesar da sociedade em redes de Castells, os alienados digitais, que passam horas, dias, participando de algo nada engrandecedor, existem os completamente extirpados da digitalização em um mundo de mais de sete bilhões de pessoas. Segundo a União Internacional de Telecomunicações ¹³,

13 SANTOS, Boaventura de Sousa. *Toward a new common sense: law, science and politics in the paradigmatic transition*. Nova Iorque: Routledge, 1995.

A penetração da Internet nos países desenvolvidos é de 81%, enquanto nos países em desenvolvimento fica em 40% e, nas nações mais pobres, em 15%. Enquanto banda larga móvel sobe mais nos emergentes, a Internet fixa tem maior avanço nos países mais ricos.

Isso quer dizer que mais de 3,7 bilhões de pessoas não têm acesso a internet e consequentemente as informações, vivendo em uma “era mediaval moderna” manipuladas de acordo com os interesses de alguns.

O massacre midiático fomentando a prática do consumismo decorrente do sistema capitalista, porém traz impactos desastrosos na sociedade e no Planeta, no qual a humanidade está destinada a compartilhar eternamente, planeta este onde, bem ou mal, a globalização demonstra as distancias que devem ser combatidas e os laços que devem ser aproveitados.

É ainda uma busca desenfreada por uma distribuição igualitária de cargos, valores e responsabilidades de pessoas com distantes orientações. Muitos os desafios mas afinal o equilíbrio pode se dar no respeito ao desequilíbrio, pois, se a nossa diferença nos inferioriza, conforme o professor Boaventura de Souza Santos¹⁴, aí sim, temos o direito de ser iguais.

Globalização, multilateralidade, redes, crises, planejamento interno e planejamento externo, comportamento humano, qual a solução para estes intermináveis questionamentos?

Os pontos de reflexão aqui apresentados podem, de início, parecer simplesmente abstrações, mas na realidade mundial, os fenômenos sociais são muito maiores do que se concebe. 2016 foi um ano marcado com reviravoltas. Organizar e gerir um Estado-Nação em um mundo onde o fim deste modelo pode ser evidente e extremamente complexo, mais ainda do que foi.

Se o fenômeno da globalização derruba fronteiras e apresenta uma dinâmica avassaladora, a adequação do planejamento interno evidentemente sofre pressões e influência do capital externo na atual política de consumo e a queda das fronteiras entre as nações, cada vez mais e difícil adequar o planejamento interno de expansão e desenvolvimento.

Se conforme Winston Churchill a “A democracia é a pior forma de governo, salvo todas as demais formas que têm sido experimentadas de tempos em tempos”, a resposta talvez esteja em repensar todo um modelo e não tentar remendá-lo constantemente.

Diversas são as linhas de reflexão, mas uma delas merece especial atenção – a sociedade está diante de um momento de escolha. Talvez o mundo devesse optar por uma mudança de sistema, onde deixaríamos de lado o sentimento capitalista e viríamos a siste-

matização da economia de outra óptica. Afinal, o que está ocorrendo por meio das correntes nacionalistas pode significar, ou não, um atraso no avanço civilizatório.

Por fim, algo muito estranho ocorre no Planeta – a sensação é de que os debates acadêmicos não são ainda suficientes para justificar ou encontrar respostas para as novas e indefinidas perspectivas.

Na realidade, não seriam perspectivas, mas incertezas, porém alguns pontos são quase que incontroversos; o processo de globalização é irreversível. Apesar da resistência de muitos, não há como parar, atrasar, talvez, destruir, quem sabe, mas parar não; a nacionalização pode acarretar sérios riscos ao Planeta e a economia mundial, seria como recomeçar, em um processo cíclico insano da humanidade.

A preocupação maior deve ser o futuro do Planeta, não porque Donald Trump ganhou a eleição nos Estados Unidos ou o Reino Unido colocou “o pé fora da União Europeia” mas, simplesmente, em razão da instabilidade das coisas, o enfraquecimento dos valores e a absoluta incerteza sobre tudo. E essa incerteza paralisa! Torna a humanidade cada vez mais expectadora da sua história.

Fragmentar a pesquisa, separar os pedaços, nada disso terá utilidade sem o debate e a compreensão do todo. É preciso sonhar, divagar, explicar o inexplicável, enchendo a vida humana de amor e caridade. Acreditem, AMANHÃ TUDO PODE SER DIFERENTE.

Referências Bibliográficas

ARENDT, Hanna. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária,1993.

BAUMAN, Zygmund, **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2014.

BAUMAN, Zygmund, Ezio Mauro. **Babel:Entre a Certeza e a esperança**. Rio de Janeiro. Zahar,2016.

BAUMAN, Zygmund, **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007 Tradução de: Liquid Times (Living the ages of Uncertainty).

BLAINEY, Geoffrey. **Uma Breve História do Mundo**. 2ed. Curitiba. Fundamento. 2014

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 17ª Ed.São Paulo: Editora Paz e Terra S.A.,2016.

ELIAS, Norbert, **1897-1990 A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte** / Norbert Elias; tradução, Pedro Sússekind; prefácio, Roger Chartier. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Toward a new common sense: law, science and politics in the paradigmatic transition**. Nova Iorque: Routledge, 1995.

SANTOS, Boaventura de Souza (org.). **“Os processos de Globalização” in A Globalização e as Ciências Sociais**, São Paulo: Cortez, 2002, pp. 25-102.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva / Max Weber; tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; Revisão técnica de Gabriel Cohn - Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999